

No Centenário do nascimento de Alfredo Pimenta (*)

Celebra-se hoje, em toda a Igreja, a memória obrigatória de S. Francisco Xavier (1506-1552). O seu nome era Francisco de Jassu y Azpilcueta, filho de Juan de Jassu, homem de letras, senhor do Castelo de Xavier e de vastas propriedades em redor e parente do célebre Dr. Azpilcueta Navarro, glória do professorado da Universidade de Coimbra, no Séc. XVI, pelo qual sabemos bem quem foi aquela figura extraordinária. O palácio onde nasceu — diz o Dr. Navarro — já estava de pé antes de Carlos Magno. Francisco foi o sexto filho do casal. «Era um adolescente doce, amável, gracioso, alegre e até brincalhão, de uma singular penetração de espírito, curioso de saber, ávido de sobressair em tudo o que faz um perfeito gentil-homem, o que lhe ganhava o carinho dos seus e cativava quantos o viam; perigo terrível, cujas consequências pôde evitar, graças à sua natural reserva e a um pudor virginal».

A ânsia do saber fixou a sua vocação; muito mais que as armas, amou os livros. Queria ser letrado como seu pai e aos 19 anos deixou a velha morada paterna, que não tornou a ver, e apresentou-se na Universidade de Paris, mais concretamente no Colégio de Santa Bárbara. Pôs de lado a calça e o jubão de gentil-homem e vestiu a túnica, apertada por um cinto de couro, própria dos estudantes. E sujeitou-se à dura vida daquele colégio: levantar às 4 horas da manhã, missa diária, férula, estudo, lições, sentado sobre feixes de palha, dois recreios por semana, etc., etc.

Na Sorbone o jovem navarro teve grandes mestres; cruzou-se muitas vezes com Calvino; e no seu peito ardia o fogo de uma ambição imensa: a de *saber, brilhar, dominar*.

Aos 25 anos já tinha os graus universitários que lhe permitiam ser também ele professor. O seu colega e conterrâneo, Inácio, arran-

(*) Homília proferida em 3-XII-1982, na Cape'a de Nossa Senhora da Madre de Deus (Guimarães).

java-lhe sempre mais alunos e admiradores, favorecia a sua carreira e os seus triunfos... Mas, conhecendo bem a prodigiosa capacidade de se dar a um ideal que o apaixonasse, Inácio ia dizendo ao seu amigo e companheiro, já no auge da sua ventura pelas grandezas mundanas conquistadas: «De que te serve ganhares o mundo inteiro, se perdes a tua alma»?

Francisco ainda resistiu 4 anos. Convenceu-se, por fim, de que o seu colega de Loyola era mais sábio do que ele e era, por dentro, mais senhor e mais nobre. Aderiu aos seus planos, pondo termo ao tempo que depois chamaria da sua «libertinagem» e começou a viver dias de «heroísmo» e de profunda alegria interior como aquele em que, horrorizado ao ver um homem todo coberto de chagas, venceu a sua própria náusea, chupando com a boca o pus daquelas feridas.

E agora sonhava com grandes triunfos em terras de pagãos... da África ou das Índias... E Deus satisfizesse os seus desejos. O rei de Portugal pediu a Inácio missionários para o Oriente. Iriam 2 jesuítas. Francisco Xavier não estava, de início, no pensamento do Fundador; mas a doença do companheiro designado para partir forçou a mudança dos planos e Francisco teve 24 horas para se preparar e romper. Toda a sua bagagem foi uma batina, um crucifixo, um breviário e um catecismo. E no dia 7 de Abril de 1541, Francisco, nomeado Vigário Apostólico da Índia, embarcou na nau *Santiago* com destino a Goa.

A sua epopeia de missionário começava: primeiro na Índia, depois no Japão e só não penetrou na China, porque a morte o surpreendeu na ilha de San Choan. Onze anos de acção missionária incomparável!

A sua obra de evangelização ainda perdura, e ficará para sempre, na história da Igreja, a glória sem par do seu nome e do seu testemunho ⁽¹⁾.

*
* *

Hoje, em Guimarães, e muito particularmente nesta Capela da Madre de Deus, evocamos também um homem que pela sua pessoa e pela sua obra se tornou digno de memória. Este homem foi *Alfredo Pimenta*. Nascido em Penouços (Aldão), junto de Guimarães, cedo

⁽¹⁾ Fr. Justo Perez de Urbel, O. S. B., *Año Cristiano*, Vol. IV.º, pág. 457 e segs., Madrid, 1945.

revelou a sua vocação de homem estudioso, ávido de saber e incansável na busca da verdade.

a) *A sua formação intelectual*

A sua juventude ficou muito marcada pelo meio cultural de Coimbra — da Coimbra de 1899, ano em que se matriculou em Direito.

Ele próprio confessou, na sua «autobiografia filosófica» (Coimbra, 6 de Maio de 1935), que sofreu a influência do agnosticismo português dos anos de 1870 e da literatura filosófica alemã, francesa e russa (Kropotkine, Bakounine), etc. Isto é, insaciável na sua fome de saber, nutriu-se das ideias do seu tempo: o negativismo anárquico, o criticismo pessimista, o aristocratismo de Stirner, o Nietzscheismo e principalmente o positivismo de Augusto Comte, no qual teve por mestre «o Papa negro do positivismo luso» que foi o Dr. Teófilo Braga ⁽²⁾, muito ligado este a Guimarães pelo seu casamento com uma senhora da família do Paço, de Airão, D. Maria do Carmo Xavier de Oliveira Barros.

Alfredo Pimenta recebeu também uma benéfica e decisiva influência da grande professora Carolina Michaelis de Vasconcelos, tornando-se adepto do «rigoroso respeito das fontes, da investigação meticulosa e exaustiva, do acatamento intransigente do primado do saber» ⁽³⁾.

O seu espírito, atento e penetrante no mundo de todas as ideias em voga, não pôde deixar de se inserir e de combater no campo da *política* do seu tempo e da sua pátria. E assim, depois do anarquismo coimbrão, militou sob as bandeiras do evolucionismo republicano. Desiludido dele, aderiu ao ideal monárquico. Dotado de uma excepcional capacidade de observar, de analisar, de discorrer e de escrever, com lógica, clareza e muita vivacidade, os seus estudos, artigos,

⁽²⁾ Alberto Martins de Carvalho, artigo em *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, pág. 380.

Ver também *Cartas dos outros para Alfredo Pimenta*, Guimarães, 1963, pág. VIII, do *Prólogo* de Manuel Alves de Oliveira. Este volume abre com a publicação de 40 cartas de Teófilo Braga a Alfredo Pimenta. Como no acto do registo civil de Alfredo Manuel, filho de Alfredo Pimenta, foi «padrinho» o Dr. Teófilo, a partir de 6-VII-1907 este trata sempre aquele por «Querido Compadre e amigo».

⁽³⁾ Ver o citado artigo no *Dicionário de História de Portugal*.

notas e comentários causavam forte impacto nos seus leitores e na opinião pública ⁽⁴⁾.

b) *A sua obra*

Trabalhava sem descanso; investigava com todo o rigor os documentos e os factos; reflectia com profundidade sobre as questões que queria expôr; depois lançava as suas ideias, marcando-as com o vigor, a impetuosidade e a força contundente e avassaladora do seu modo de ser temperamental. Brilhou nos seus livros de versos. Ficará para sempre o seu «Livro das Chimeras» ⁽⁵⁾. Foi excepcional na História; soube evoluir nas suas convicções políticas e filosóficas; e, na polémica, foi igual a si mesmo, isto é: defendia os seus pontos de vista com a energia e acutilância de um pensador profundamente arreigado ao que escrevia, de um apóstolo do seu ideário, disposto a ser mártir das suas convicções. Mas esta parte da obra de Pimenta, sendo fruto de circunstâncias ocasionais, não perdurará. Nas obras de cultura, de História e de Filosofia Política está a feição essencial deste grande escritor, e aí o seu indiscutível valor.

Acrescentarei que, desde 1903, ano em que publicou o seu primeiro livro «Os despeitos da Academia» (Coimbra) até 1950, ano em que faleceu e em que saíram as «Páginas Minhotas» (edição póstuma) foram mais de 150 os livros que publicou. Foi verdadeiramente um caso raro de actividade no mundo das ideias ⁽⁶⁾.

Nada admira que tenha fundado o Arquivo Municipal de Guimarães, que fosse co-fundador da Academia Portuguesa da História, Conservador e Director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, etc.

⁽⁴⁾ Manuel Alves de Oliveira, *Prólogo* do volume *Cartas* etc., pág. IX a XXVI. Sobre *Política* transcreve este volume as cartas não só do Dr. Teófilo Braga mas também de 15 outras altas individualidades do tempo.

⁽⁵⁾ Eis o título completo: «Este é o Livro das Chimeras que, para Consolação das Próprias Saudades, e para Perpetuação de Instantes Transcendentais Alfredo Pimenta escreveu, quando, tendo descido da Torre do seu Orgulho, entrava na Catedral Magnífica da sua Humildade». Lisboa, 1922.

⁽⁶⁾ Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, tomo 21, pág. 654 e segs. encontra-se um catálogo de todas as obras de Alfredo Pimenta, saídas a lume até 1950. Também no *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos*, Braga, 1958, se encontra, nas págs. III a XIII, a Bibliografia de Alfredo Pimenta, sistematizada na seguinte ordem: Filosofia, História, Estudos Históricos, Política, Literatura, Polémica, Crítica e Colaboração em jornais, revistas, etc.

c) *Como crítico*

Este homem assim dotado de uma vontade férrea, de uma inteligência superior e exaustiva, habituado a uma tal exigência pessoal, em busca da verdade e da certeza, que não só meditava até ao fim as questões, mas também consultava amigos e pessoas que o pudessem ajudar a ver mais claramente as coisas; este homem possuidor de uma erudição assombrosa, honesto, sincero e coerente não podia deixar de entrar em conflito com o meio social do seu tempo: um meio culturalmente paupérrimo, cheio de mediocridade e corrupção, alcandoradas a altos postos; um meio saturado de subserviência, oportunismo e degradação da dignidade⁽⁷⁾.

Alfredo Pimenta, pois, reagiu, e foi um lutador inconformista, intransigente.

Mas nem sempre foi feliz e justo nas suas actuações e críticas. Jaime Batalha Reis, em carta de 9 de Abril de 1929, dizia-lhe claramente o que sentia: «o seu espírito de polemista agressivo, as durezas da sua forma de argumentar, as suas conclusões, são-me mesmo, por vezes, antipáticas». E um pouco mais adiante, a propósito da condenação «incondicional» da obra de Antero de Quental, continuava:

«Essa decisão sumária, radical e seca é justamente manifestação da forma de espírito que nas críticas de V. Ex.^a eu considero alheia ao verdadeiro espírito crítico, falso e, se me permite continuar numa grande franqueza, antipática. Afigura-se-me na aspereza da sua sensibilidade, ser V.^a Ex.^a pouco capaz de sentir meias tintas e sonoridade cromáticas»⁽⁸⁾.

Contudo, grandes homens das letras e do pensamento o admiravam. Entre muitos outros, Ricardo Jorge, Conde de Sabugosa, Leonardo de Castro, António Leite de Vasconcelos, Mendes dos Remédios. Este, em carta de 1 de Dezembro de 1930, escrevia-lhe: «Ninguém em Portugal, na hora de hoje, produz tanto e tão bem. Os seus artigos agora reunidos em volume dão a medida do que é capaz a sua lúcida inteligência. Não imagina a satisfação que tive ao recebê-lo, perguntando admirado a mim mesmo como era possível a realização de tamanho esforço neste alfobre de mediocridade e de nulos orgulhosos»⁽⁹⁾.

(7) Ver o «Agradecimento» de seu filho, Alfredo Manuel Pimenta, no referido *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos*, pág. XXIII-XXV, que esclarece este aspecto da responsabilidade de seu pai.

(8) *Cartas*, etc., págs. 304 e 305.

(9) *Cartas*, etc., pág. 232.

Não posso terminar sem dizer umas palavras sobre

d) as suas *concepções religiosas*.

No seu testamento, em 19 de Janeiro de 1939, ele confessa: «Nasci na Igreja Católica Apostólica Romana. Dela me desviei na mocidade; a ella regressei, mercê da graça de Deus. Quero morrer nella — crendo tudo quanto ella ensina, reprovando tudo quanto ella rejeita» ⁽¹⁰⁾.

Eis o testemunho lapidar do verdadeiro crente, a confissão da sua fé católica, perturbada nos verdes anos pela variada e avariada literatura de que alimentou o espírito. No seu estudo «O Evangelho de Pedro», esclarece bem como se deu esta evolução dos seus sentimentos religiosos:

«Estava eu, então, em plena formação intelectual, efervescente, sequiosa e ansiosa, tendo deixado as brumas stirnerianas e nietzschenianas, e procurando tomar pé na disciplina positivista, emanada directamente de Comte. Mas o problema religioso, sob qualquer aspecto, se já não me prendia inteiramente pela solução negativista, oferecia-se-me ainda sob um prisma meio-céptico, meio agnóstico, — correcção, evidente, do negativismo para que leituras prematuras dos niilistas do Pensamento tinham empurrado com estrondo o meu espírito avidíssimo de encontrar, sob as aparências ilusórias, a verdade imutável. De sorte que mergulhando de chofre nas chamadas ciências positivas — as da hierarquia comteana, — não fiz reparo especial nas palavras da minha douda Amiga. (D. Carolina Michaëlis). E só mais tarde, há uns anos, quando fatigado da contemplação incoerente da paisagem movediça dos sistemas, e tonto da poeira malsã que levantavam os escombros das Doutrinas atingidas pela Crítica — eu busquei, no regresso à Alma Mater, a solução transcendente, por a-racional, às interrogações angustiosas e às dúvidas miseráveis, sacudido, no fundo longínquo da minha ancestralidade, pela luminosidade inigualável da obra de Tomaz Kempis — se dele é — só mais tarde, há uns vinte anos, me dei à leitura de teólogos e historiadores eclesiásticos».

Quer dizer: na busca «ansiosa» e «efervescente» da «verdade imutável» andou errante pelas filosofias dos homens cujos nomes eram mais apregoados no seu tempo; depois, quando já estava «fati-

⁽¹⁰⁾ Vem publicado em Apêndice no *Terceiro Livro de Estudos Filosóficos e Críticos*, pág. 383 e seg.

gado» e «tonto» dessa «poeira malsã» veio encontrar essa «verdade» na luz «inigualável» da *Imitação de Cristo* ⁽¹¹⁾.

Também no artigo «No Limiar da Idade Nova» Alfredo Pimenta revela muito nitidamente a sua fé católica «a única, é evidente, para ele (João Ameal) e para nós verdadeira e sã», a sua fé na Igreja, da qual diz: «É a única força espiritual permanente, apesar dos erros, das leviandades dos seus homens, quer dizer, do seu lado humano».

Para vermos melhor como era profunda a sua convicção religiosa e a sua fé na Revelação cristã, citarei outro texto do mesmo artigo:

«Os Estados burgueses, pelo seu laicismo, ajudam, embora digam que não, a mística comunista. Porque, onde não há Deus, o Deus verdadeiro, o único Deus verdadeiro, que é o do dogma católico, não há verdadeiro ideal.

Há uma única ideologia verdadeira, lógica, coerente e profundamente social: a ideologia que nos aproxima de Deus. As ideologias sem Deus são ilusões, fantasmas, sombras, miragens diabólicas que rebaixam o homem à animalidade» ⁽¹²⁾.

Perfeitamente ortodoxo em tantas e tantas páginas que escreveu sobre matéria religiosa, teve, porém, os seus deslises em determinadas apreciações, opiniões e comentários, resultantes do seu temperamento combativa, inconformista e intransigente, de que nunca se libertou, os quais, por serem inaceitáveis num filho da Santa Igreja, foram por esta dolorosamente deplorados ⁽¹³⁾.

Mas Alfredo Pimenta era um homem de fé. Conhecia os seus deveres cristãos e, no momento próprio, lealmente os cumpria. Consciente dos seus erros, reparava-os exemplarmente ⁽¹⁴⁾, como se vê na frase final do seu testamento:

«Peço a minha mulher, aos meus filhos, aos meus amigos, aos meus adversários, e aos meus inimigos perdão do mal que lhes fiz, dos desgostos que lhes dei, e das injustiças que para com elles cometi» ⁽¹⁵⁾.

⁽¹¹⁾ *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, Lisboa, 1935, pág. 298 e seg.

⁽¹²⁾ *Terceiro Livro*, etc., pág. 42 e 43.

⁽¹³⁾ *Lumen*, Ano VII (1943), pág. 612.

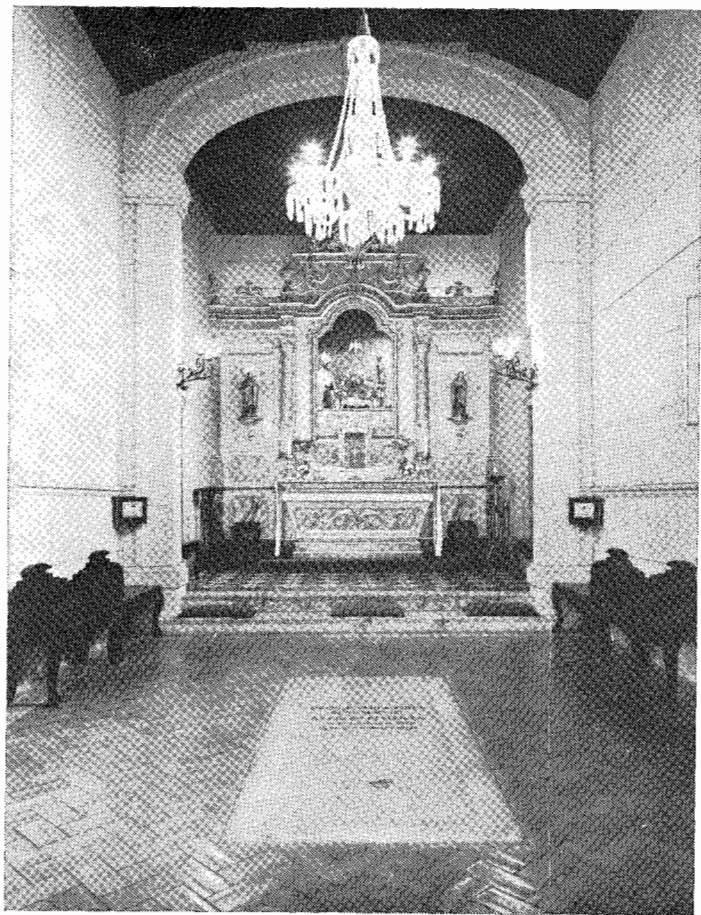
⁽¹⁴⁾ É muito elucidativo, a este respeito, o testemunho de M. Alves de Oliveira, no citado «Prólogo» das *Cartas*: «Homem de pensamento e homem de acção, Alfredo Pimenta consagra-se, infatigavelmente, a reparar os erros da sua juventude» (pág. XXVII). E que era homem para isso, prova-o este passo duma entrevista dada a João Ameal, publicada em 1922, na qual A. P. dizia: «Para mim, a minha obra de artista principia com a *Torre da Ilusão*. O que fica para trás, repudio-o. Cfr. *Cartas*, págs. 159 e 160, nota 3.

⁽¹⁵⁾ *Terceiro Livro*, etc., pág. 384.



Nossa Senhora da Madre de Deus

(Registo antigo)



O interior da capela da Madre de Deus onde jaz Alfredo Pimenta

Estas palavras honram sobremaneira o seu Autor, pois mostram que, sob a armadura do lutador indómito, pulsava um grande coração.

Para demonstrar como era sensível aos pequenos gestos de atenção das pessoas para consigo, leio uma carta sua — escrita poucos meses antes da sua morte — dirigida a Sua Eminência o Senhor Cardeal Cerejeira. Este tinha publicado, em 3.^a edição, o livro «Clenardo». À crítica que Alfredo Pimenta lhe fez, o Senhor Patriarca respondeu com um cartão, dizendo: «agradece a atenção da crítica, a benevolência da apreciação e o favor das correcções» (Em 28-2-1950).

Alfredo Pimenta enviou ao Senhor Cardeal a seguinte carta: «4.^a feira. Eminentíssimo Senhor: — Se Vossa Eminência tivesse motivos para me agradecer o que escrevi sobre o Clenardo, III e., eu seria indigno de mim. Fui sincero — como sempre; fui leal — como sempre. A sinceridade e a lealdade não se agradecem.

Se há quem deva estar grato sou eu; porque Vossa Eminência deu-me ensejo a prestar sentida homenagem pública ao seu trabalho. Falla Vossa Eminência nas minhas correcções. É uma generosidade do seu alto espírito. Eu não corriji Vossa Eminência. Não corriji nunca nem corrijo ninguém. Só a mim, quando erro. No caso em questão, limitei-me a fazer umas observações.

Beijo com todo o respeito o anel de Vossa Eminência. A. P.».

Alfredo Pimenta foi um crente profundo. Ninguém pense outra coisa. Ele tinha grande estima pelo Padre Francisco Cruz; foi grande amigo do Dr. Agostinho Veloso que lhe assistiu à morte e deu testemunho da sua fé e serenidade naquela hora; quantas vezes foi visto na Basílica dos Mártires ajoelhado em oração; e assim como muito apreciava a Imitação de Cristo, assim foi um devoto das primeiras sextas-feiras do mês — disse-o ele a alguém que ainda vive. Nos seus últimos tempos interessou-se pela doutrina da Assunção de Nossa Senhora. Quis mesmo escrever um livro sobre este assunto e pediu elementos para ele ao escritor e diplomata romeno Mírcea Eliade. A morte disso o impediu e veio exactamente 15 dias antes da definição do dogma da Assunção pelo Papa Pio XII (1 de Novembro de 1950).

Mas a sua devoção e ternura pela Mãe de Deus estão bem patentes no soneto que publicou em 1941 e dedicou aos seus filhos. É este:

*«Em frente à minha casa, há uma capela
Com adro e alpendre, adonde eu vou rezar
À Senhora que vive dentro dela,
E é a Nossa Senhora do lugar.*

*Às noites, uns minutos, à janela,
Demoro-me, sozinho, a conversar,
Humildissimamente, com Aquela
Que é a doce protectora do meu lar.*

*E o que todas as noites, eu lhe peço,
Na infinita humildade do meu ser,
E no profundo ardor do meu orar,*

*É que, a eterna Paz de que careço,
Ma alcanceis, filhos meus, quando eu morrer,
Deixando-me ao pé d'Ela repousar» (16).*

De facto, um ano após a sua morte, ocorrida em 15 de Outubro de 1950, para aqui veio e aqui repousa há já 31 anos (17).

Honra na terra, ao seu nome, e paz eterna ao seu espírito, na luz de Deus, de Deus que ele penosamente buscou e enfim descobriu, de Deus, «Verdade imutável» e Amor misericordioso no Coração de Cristo do Qual foi amigo.

D. António de Castro Xavier Monteiro

(16) *Terceiro Livro*, etc., pág. 384; *Cartas*, pág. XXX.

(17) Um extracto das palavras do Professor Dr. Álvaro da Costa Pimpão, em Outubro de 1951, na cerimónia da trasladação dos restos mortais de Alfredo Pimenta para a Madre de Deus, vem no citado volume *Cartas*, pág. XXVII.